



AFEGANISTÃO / China e Rússia fortalecem cooperação para o estabelecimento de um governo inclusivo no país asiático, depois da tomada de poder pelo Talibã. Em conversa telefônica, presidentes prometeram unidade contra o terrorismo e o tráfico de drogas

Alinhamento de Xi e Putin ameaça os EUA

» RODRIGO CRAVEIRO

Pe-la primeira vez desde a queda de Cabul e a retomada do poder pelo Talibã, em 15 de agosto, os presidentes da China e da Rússia alinharam posições sobre o futuro do Afeganistão, com foco na construção de um governo inclusivo e no combate ao terrorismo e ao tráfico de drogas. O chinês Xi Jinping e o russo Vladimir Putin conversaram, ontem, por telefone, e defenderam uma solução política para a crise afegã. A agência de notícias chinesa Xinhua divulgou que os dois líderes pretendem encorajar todas as facções no Afeganistão a construir uma “estrutura política aberta e inclusiva, por meio de consultas” e a implementarem “políticas externas e domésticas prudentes e moderadas, com a dissociação de todos os grupos terroristas, e a manutenção de relações amistosas com o resto do mundo, especialmente com nações vizinhas”.

Em 28 de julho, uma delegação talibã comandada pelo mulá Abdul Gharani Baradar, comandante supremo do Talibã, reuniu-se com o ministro das Relações Exteriores de Pequim, Wang Yi, em Tianjin, no nordeste da China. Ainda de acordo com a Xinhua, Xi destacou que a China respeita a soberania, a independência e a integridade territorial do Afeganistão e exorta uma solução pela via política.

Os governos de Xi e de Putin aproveitaram o enfraquecimento dos Estados Unidos no Afeganistão para ampliar sua área de influência e abrir espaço para investimentos e para a defesa de interesses estratégicos. No cenário interno, a chamada Frente Nacional de Resistência (FNR), grupo liderado por Ahmad Massoud, filho do famoso comandante antitalibã Ahmad Shah Massoud, ganhou força.

Em entrevista à agência France-Presse, Ahmad Wali Massoud, irmão do falecido comandante, assegurou que a resistência “se espalhou muito no Afeganistão” e citou a oposição à mentalidade conservadora e antiquada do Talibã. “As crenças do povo afegão mudaram nos últimos 20 anos. As mulheres querem viver, trabalhar (leia Depoimento). Os jovens vivem em um mundo diferente,

Wakil Kohsar/AFP



Mulher vestida com burca faz compras em Cabul: com medo dos talibãs, 10 mil pessoas aguardam uma chance para fugir, no Aeroporto Internacional Hamid Karzai

» Duas perguntas para

HAROUN RAHIMI, professor de direito da Universidade Americana do Afeganistão e pesquisador visitante do Centro Oxford para Estudos Islâmicos

De que maneira o senhor vê o alinhamento de China e Rússia nas estratégias para o Afeganistão sob o comando do Talibã?

A China está mais preocupada com os separatistas uigures e com a possível passagem de extremistas para a Ásia Central e até mesmo para o Paquistão, onde Pequim tem muitos investimentos. Além disso, o Afeganistão pode representar oportunidades de

investimentos para os chineses, caso a nação se estabilize. A Rússia está preocupada com o risco de grupos separatistas e islamitas desestabilizarem a Ásia Central. Ambos desejam tornar o Afeganistão oneroso para os Estados Unidos, em termos de reputação e de posição de liderança no mundo. Como



Arquivo pessoal

há alguns alinhamentos, russos e chineses pensam em uma abordagem coordenada para o Afeganistão. Os dois governos têm demandas junto ao Talibã e vão esperar uma resposta da milícia.

Como fica a política dos EUA para o Afeganistão, com a entrada das duas potências no contexto regional?

não o dos talibãs, que são, agora, o grupo mais isolado” do país, comentou ele, durante visita a Paris. De acordo com a emissora de televisão afegã Ariana News, o ex-presidente Hamid Karzai (2001-2014), o ex-vice Abdullah Abdullah e o ex-líder do Partido Islâmico Gulbuddin Hekmatyar integrarão um conselho de 12 membros que o Talibã deverá formar para governar o Afeganistão.

Ontem, o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, revelou que o Talibã permitiu a saída de cidadãos dos EUA e de afe-

gãos depois de 31 de agosto, prazo estabelecido para a retirada de tropas estrangeiras do Afeganistão. O chefe da diplomacia de Washington disse que 1,5 mil americanos ainda aguardam resgate em Cabul.

“Impacto global”

Professora de relações internacionais da ESPM-SP, Denilde Holzacker adverte que a aproximação entre China e Rússia para responder à crise no Afeganistão “impacta, e muito, a posição dos EUA regional e globalmente”. “É

uma aliança importante, uma resposta à coalizão anti-China formada pelo presidente Joe Biden. Internamente, isso desgasta ainda mais o norte-americano”, disse, por telefone.

Lilia Shevtsova, chefe do Programa de Política Doméstica Russa do Carnegie Endowment for International Peace (em Moscou), vê como uma reação natural a tentativa de Moscou e de Pequim de tentarem cooperar para preencher o vácuo deixado pelos EUA no Afeganistão e para responder aos desafios representa-

dos pelo terrorismo e pelo tráfico de drogas. “A amarga ironia é que o Ocidente defendeu apenas sua própria segurança no Afeganistão. Agora, a Rússia e a China terão que seguir a linha da cautela — não irritar o Talibã e buscar diálogo com o grupo e, ao mesmo tempo, fortalecer suas fronteiras”, explicou ao **Correio**. A Rússia realiza exercícios militares ao longo da fronteira com o Afeganistão e reforça sua aliança militar na Ásia Central. “Nesse contexto, é preciso incluir o Paquistão e o Irã, com suas respectivas

agendas para a região. A verdade é que todos esses Estados têm ambições próprias capazes de fragilizar a sua cooperação.”

A russa lembra que o Kremlin hospedou talibãs em Moscou, apesar de classificar os insurgentes como terroristas. “Moscou e Pequim buscarão exercer o pragmatismo, com o objetivo de se preparar ante qualquer contingência. Como atores nucleares atuarão no Afeganistão — Rússia, China, Paquistão e EUA —, a região se torna extremamente volátil”, afirmou Shevtsova.

» Depoimento



Arquivo pessoal

“É o começo da tragédia”

» SEDIQA HASSANI

“O porta-voz do Talibã, Zabihullah Mujahid, disse que as mulheres têm que ficar em casa. Mas eu não confio neles. Agora, dizem que, por enquanto, não devemos trabalhar. Depois, com certeza eles dirão que, de acordo com a sharia (lei islâmica), não teremos a permissão para trabalhar. Este é o começo da tragédia.

Conheço algumas mulheres cujos maridos morreram durante explosões de bombas. Elas têm que trabalhar para manter a casa. Se o Talibã proibir que elas trabalhem, uma tragédia humanitária ocorrerá no Afeganistão. Eles tomaram o Afeganistão há uma semana. Nós estamos a um passo da fome.

O Talibã apenas quer fingir que mudou. Na minha opinião, eles em nada mudaram. Sou uma mulher trabalhadora. Eu pago algumas das despesas de minha família. Lutarei pelos meus direitos, mesmo que o Talibã me apedreje ou me mate. Lutarei por meus direitos básicos.”

Economista, 23 anos, formada pela Universidade de Cabul

IMIGRAÇÃO

Suprema Corte retoma política de Trump

Sandy Huffaker/AFP



Agentes da patrulha fronteira apreendem brasileiros que entraram ilegalmente nos EUA, em Otay Mesa (Califórnia)

Em um revés para o presidente democrata Joe Biden, a Suprema Corte dos Estados Unidos determinou, anteontem, a retomada do programa “Fique no México”. Impulsionado durante o governo do republicano Donald Trump, ele obrigava os solicitantes de asilo a aguardarem, no México, a data da audiência nos tribunais para decidir sobre o processo de entrada nos EUA. Pouco após tomar posse, Biden se apressou para iniciar o desmantelamento da polémica política, oficialmente denominada Protocolos de Proteção ao Migrante (MPP).

Professor de Práticas de Leis de Imigração da Universidade de Cornell, Stephen Yale-Loehr admite que “a decisão da Suprema Corte é, definitivamente, um retrocesso

para a política migratória do governo de Joe Biden”. “Até agora, os tribunais têm sido deferentes para com os presidentes em questões de imigração, uma vez que o tema toca na política externa e em assuntos de soberania. Essa última decisão indica que tal deferência pode ser aberta. Ela incentivará estados, como o Texas, a desafiar as políticas de imigração de Biden nos tribunais. Mesmo que o governo acabe por ganhar com base no mérito, esses desafios retardarão mudanças na política migratória”, afirmou ao **Correio**.

Segundo Yale-Loehr, a Casa Branca tem várias opções. “Em primeiro lugar, pode cumprir com a liminar e restabelecer a política ‘Fique no México’ e não apelar. No entanto, o governo sinalizou com a

apelação. Em segundo lugar, pode acatar a liminar, por enquanto, mas também apelar sobre o mérito, sob o argumento de que a decisão do tribunal de primeira instância está errada em relação à lei. Isso levará vários meses, no entanto”, disse. “Uma terceira alternativa envolve obedecer à liminar, mas também publicar nova regra que tente resolver problemas processuais identificados pelo tribunal de primeira instância. No entanto, um novo texto provavelmente demorará muitos meses para passar pelo processo de regulamentação.” O estudioso acredita que, em curto prazo, a política “Fique no México” continuará a impedir os solicitantes de refúgio de entrarem nos EUA para a audiência no tribunal de imigração. (RC)